

UM SÉCULO DE COMÉRCIO DE ARMAS DA BÉLGICA  
PARA O BRASIL: 1830-1930<sup>1</sup>

*Marianne L. Wiesebron*

Universidade de Leiden.

Neste ensaio será estudada a importância do comércio de armas da Bélgica para a América Latina, com ênfase no Brasil.

Liège era um antigo centro produtor de todo tipo de armas, especializada em armas de fogo portáteis, e produzia também canhões e armas brancas. Os "*fabricants d'armes*" forneciam-nas aos países latino-americanos, que constituíam um mercado importante<sup>2</sup>. A Bélgica, um país pequeno, mantinha boas relações com os vários países daquele continente, entre os quais o Brasil. As relações com o Brasil conheceram um auge durante a longa visita, de 19-9-1920 até 16-10-1920, coroada de êxito, do Rei Alberto I<sup>3</sup>. A Bélgica não apresentava o perigo de colonizar como a Inglaterra, se bem que, estudando os seus

---

1. Quero agradecer especialmente aos senhores P. Dubrunfaut, C. Gaier e F. Pernambucano de Mello, pelos conselhos e ajuda que me deram durante este trabalho.

2. Sobre a importância do mercado latino-americano e os regulamentos dos vários países, ver *L'Armurerie Liégeoise*, (abreviado em A.L.), que de 1897 a 1948, com interrupção durante as guerras mundiais (de 1914-1919 e de 1939-1947), acompanhou a indústria de armas e tudo o que a ela dizia respeito.

3. Sobre a visita dos soberanos belgas ao Brasil, ver os relatórios no dossier 4398, *Brésil 1914-1926*, no Arquivo do Ministère des Affaires Étrangères em Bruxelas, (abreviado em A.M.A.E.B.). Eddy Stols menciona como data 1922 em "O Brasil se defende da Europa: suas relações com a Bélgica (1830-1914)", *Boletim de Estudos Latino-americanos y del Caribe*, nº 18,6-1975, p. 60.

interesses comerciais e colonizadores de perto, especialmente durante o reinado de Leopoldo II, as ambições belgas no Brasil podiam ser consideradas imoderadas. Além do mais, este país se considerava a quarta potência colonizadora do mundo<sup>4</sup>.

A Bélgica foi um dos fornecedores mais importantes do Brasil, sobretudo de armas de fogo. Empresas forneceram oficialmente armas militares ao exército brasileiro. Certas casas comerciais venderam armas baratíssimas, de terceira categoria, usadas na troca de produtos com índios ou no tráfico de negros, armas estas que serviam ao escambo e eram chamadas *armes de traite*. Entre estas duas categorias, se encontra a de armas para uso na caça ou outros fins civis, incluindo armas de luxo com um acabamento extraordinário, consideradas obras de arte para o colecionador. A maioria destas armas também era fornecida a outros países da América Latina.

Além de armas, a Bélgica também tentou exportar militares. Na época, havia um excedente que o governo belga, querendo manter certa distância, tentou mandar para o Brasil e outros países da América do Sul, sem muito sucesso. Uns militares desenvolveram atividades naquele continente, sem deixar vestígios memoráveis<sup>5</sup>. Militares brasileiros também visitaram a Bélgica, mas, de maneira mais ortodoxa, por exemplo, para assistir a exercícios no manejo de armas<sup>6</sup>.

---

4. *L'Expansion Belge I (1908)*, p. 392. ap. Stols, "O Brasil se defende", p. 68; Id. pp. 57-73, especialmente a partir da p. 67.

5. Id., p. 66; Stols, "Belgische militairen en wapens in de ontwikkeling van de Braziliaanse Grootmacht (1830-1914)", Akten van het Colloquium over de Belgische Krijgsgeschiedenis (1830-1980), Brussel 26-28 maart 1980, Koninklijk Legermuseum, Brussel, 1981, pp. 127-149; Jacques-Robert Leconte, "Un projet de recrutement de militaires belges pour le Brésil (1838)", Fallas, n<sup>o</sup> 17, 11-1964, pp. 33-40; Leconte, "Un officier belge au Pérou et au Brésil, le Major Honoraire Vlemincx, Carnet de "la Fourregère", n.º 3 (15 e série), 12-1963, pp. 187-193; J. Coolseet, "Kapitein H. Vlemincx, Belgisch officier in Peru en spoorwegbouwer in Brazilië, Het Leger — de natie, n<sup>o</sup> 4, (4 de jaargang), 15-4-1949, pp. 143-147.

6. "Mission militaire brésilienne en Europe; permission d'assister aux expériences de tir à Brasschaet le 10/9/34", dossier Brésil, Arquivo do Musée royal de l'Armée et d'Histoire Militaire (abreviado em A.M.R.A.).

Um problema com que se defronta neste tipo de pesquisa, é a falta de material de armeiros ou *fabricants d'armes*<sup>7</sup>. Certos arquivos desapareceram durante as duas guerras mundiais. Uma empresa como a FN, a Fabrique Nationale, Herstal, não tem mais arquivos de antes da Segunda Guerra Mundial, salvo algumas exceções<sup>8</sup>. A respeito das casas comerciais, também, não se encontra documentação. Além de fatores como guerras, como no caso da Casa Laport, isto era devido à falta de interesse, ou a outros motivos, como sigilo, concorrência, segurança...<sup>9</sup>

A história da indústria de armas e, mais especificamente, de armas de fogo, já começa no século XV na cidade de Liège e redondezas<sup>10</sup>. Mas é sobretudo no século XVI que esta indústria começou a prosperar. O principado de Liège aproveitava os conflitos entre os Estados vizinhos, se mantendo neutro, fornecendo armas e se enriquecendo desta forma. No início, o século XVII foi muito propício para os negócios. No fim deste século, com o decorrer de guerras, como a Guerra da Holanda, o principado de Liège sofreu bastante mas a indústria conseguiu encontrar vários países interessados em suas armas. O século XVIII foi próspero para Liège e conseqüentemente para a indústria. Quase toda a Europa usava equipamento fabricado em Liège: fuzis, pistolas, sabres, pequenos canhões e balas de peça de artilharia. Assim Portugal, que teve uma importante indústria de armamento, sobretudo de armas portáteis, de alta qualidade, teve que recorrer à produção estrangeira, entre outras a de Liège, por volta de 1740 e especialmente no século

---

7. Neste ensaio a palavra *armeiro* só é usada para o fabricante de armas. Para o vendedor serão usadas as palavras *fabriquant d'armes* e *comerciante*.

8. Sobre o Brasil existe só alguma coisa sobre a munição e nada sobre armas; um contrato, vários "cahiers de charge" e o projeto detalhado da bala 7 mm; Arquivo da Fabrique Nationale, Herstal.

9. Depoimento da Família Laport, 6 de setembro de 1990.

10. Sobre a história da indústria de armas em Liège ver: Maurice Ansiaux, *L'industrie armurière Liegeoise*, Bruxelles, J. Goemaere, 1899; Claude Gaier, "L'évolution de l'industrie armurière en Belgique", *Revue de la Gendarmerie*, 62, 4e trimestre 1975, pp. 11-22; Gaier, *Quatres siècles d'armurerie liegeoise*, Liège E. Wahle, 1976; Auguste Francotte, Claude Gaier, EN-Browning, 100 ans d'armes de chasse et de guerre, Bruxelles, Didier Hatier, 1989, pp. 8-28.

XIX<sup>11</sup>. Até os colonos revoltados nos Estados Unidos usavam quantidades enormes de material de Liège (1775-1783). Às vésperas da revolução francesa, (em 1788) havia uns 70 a 80 *fabri-cants d'armes*, que exportavam mais de 200.000 espingardas por ano, por um valor de três ou quatro milhões de florins. Com a revolução, a indústria ficou muita abalada. Mas, sob o governo de Napoleão, a situação melhorou bastante.

Sob o reino de Luís XVI, pela primeira vez, uma arma e até mesmo qualquer produto era fabricado de modo científico, com especificações técnicas precisas. Foi o caso do fuzil, modelo 1777, arma de infantaria, usado em vários países. Esta arma, modificada, foi fabricada em quantidade pela Manufacture Impériale d'Armes de Liège, fundada em 1803, que teve o monopólio de certas armas de guerra durante o Império. Em 1810, um *Banc d'épreuves des armes à feu* (Banco de Provas) foi instituído por um decreto-lei de Napoleão I, para controlar as armas prontas<sup>12</sup>.

Os anos de 1815 a 1914 representam o século de ouro de Liège, não só do ponto de vista da indústria de armas, mas também da siderurgia e das carvoarias. 1907 foi o ano de maior produção de armas, com um total que ultrapassou o milhão e meio. Liège, ainda em nossos dias, não produz simplesmente armas comuns, mas verdadeiras obras de artes, com acabamento extraordinário. Se de um lado foi o centro de bacamartes de luxo, de outro lado, produzia armas de escambo, em troca de escravos da África e para os indígenas da América do Sul<sup>13</sup>. A qualidade destas últimas era geralmente medíocre, mas podia ser razoável e até boa. Como as armas de escambo eram as únicas que, na época, não deviam passar pelo Banco de Provas, uma certa flexibilidade na denominação das armas favorecia os comerciantes<sup>14</sup>. Mais tarde, o Banco de Provas se tornou obrigatório para todas as armas.

O século XIX foi também o século de numerosas invenções, aperfeiçoando cada vez mais as armas e a munição, a nível mundial.

A *Fabrique Nationale Herstal*, outrora chamada *Fabrique Nationale d'Armes de Guerre*, em Herstal, conhecida como FN,

11. Rainer Daehnhardt, *Espingardaria portuguesa, Porto, 1975, pp. 6-14.*

12. J. Fraikin, *L'industrie armurière et le Banc d'épreuves des armes à feu de Liège, Liège, 1940, p. 42.*

13. *Existem vários exemplares destas armas no Musée d'Armes de Liège (abreviado em M.A.L.).*

14. Gaier, *Quatre Siècles, p. 99.*

é uma sociedade estabelecida em 1889, tendo começado a fabricação em outubro de 1891<sup>15</sup>. Até aquele momento, a produção liegense era quase toda artesanal, mesmo depois do aparecimento da mecanização. Somente, em fins do século XIX o trabalho altamente especializado e feito em casa passava a ser feito em oficinas mecânicas<sup>16</sup>. Os comerciantes, chamados *fabricants d'armes* se ocupavam dos mercados para a venda do produto. Esta produção artesanal existiu até os anos de 1930. Para encomendas maiores os fabricantes cooperavam. Assim, em 1870, em Herstal, formou-se o *Petit-Syndicat* para produzir os fuzis Comblain para a guarda civil belga. Outros fabricantes se reuniram em 1886 para formar *Les Fabricants d'Armes Réunis*. É mais ou menos neste âmbito que foi criada a FN, para poder produzir uma grande encomenda para o exército belga, uma associação de vários armeiros e *fabricants d'armes*. Alguns pensavam que a associação seria temporária. Mas em 1989, foi comemorado o centenário da empresa. As duas Guerras Mundiais e a crise econômica dos anos 30 acarretaram mudanças em Liège. Depois da Segunda Guerra Mundial, a maioria das armas passa a ser produzida pela FN, empresa que produz industrialmente e comercializa o próprio produto no mercado mundial.

Comercializar armas nem sempre era fácil ou possível. O fornecimento de armas podia se tornar problemático quando existia um conflito armado numa região, seja a nível internacional, seja a nível nacional. Em situação de guerra às vezes, governos ou, mais recentemente, órgãos internacionais limitavam ou proibiam a venda de armas para os partidos em conflito, embora embargos ou proibições nem sempre eram efetivos ou respeitados. Um dos partidos em conflito podia tentar restringir o comércio de armas. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), apesar de pedidos ao contrário do governo paraguaio, armas belgas foram vendidas ao Brasil. Mas a indústria belga respeitou o embargo, votado pela Sociedade das Nações

---

15. Sobre a FN ver "Fabrique Nationale d'Armes de Guerre, Herstal, lez-Liège, A.L., février 1899, pp. 165-167 e Francotte, Gaier, FN-Browning, a partir da p. 30.

16. Não era só em Liège que o modo de trabalho era artesanal e altamente especializado. Em Birmingham, outro grande centro de fabricação de armas, o sistema era comparável, mas a mecanização chegou mais rapidamente. De Witt Bailey, Douglas A. Nie, *English Gunmakers, the Birmingham and Provincial Gun Trade in the 16th and 19th Century*, London, Arms and Armour Press, 1978, pp. 20-21.

em 1934, na Guerra do Gran Chaco (1932-1935). Em *l'Armurerie Liègeoise* foi notada a presença de armas americanas, violando o embargo<sup>17</sup>.

O problema se tornava ainda mais delicado durante guerras civis ou revoltas, quando armas não eram só vendidas a governos de nações amigas mas se encontravam em mãos de insurgentes. O governo do país em questão podia então passar a proibir, parcial ou totalmente, o comércio de armas naquele momento, com exceção, obviamente, do fornecimento para as próprias forças armadas<sup>18</sup>. Assim, de vez em quando, o governo belga foi confrontado com reclamações, pois revolucionários seriam abastecidos com armas belgas, usadas contra os governos de países amigos<sup>19</sup>. Como a Bélgica manteve um estatuto de neutralidade até a Primeira Guerra Mundial a situação se tornava ainda mais espinhosa.

Em 1887 e 1888, os governos de Colômbia e Venezuela protestaram veementemente porque o navio *Justitia* teria uma carga suspeita, isto é armas para revolucionários<sup>20</sup>. Segundo o governo belga, o navio ia até Pointe à Pitre e não tinha autorização para outro porto na América Latina.

Em 1887, o Governador da Província de Antuérpia acompanhou, a pedido do Ministro das Relações Exteriores, o envio de armas do porto de Antuérpia para vários países, particularmente, para a América do Sul. Entre o primeiro de janeiro e até o dia 9 de junho daquele ano, não houve nenhuma carga para a Venezuela ou Colômbia. Os destinatários eram o Brasil, o Chile, a Plata e Havana. Todavia, ele acrescenta que, se o

17. Sobre as armas fornecidas ao Brasil durante a Guerra do Paraguai, ver Stols, "*Belgische militairen*", pp. 141-143; sobre o Gran Chaco ver AL em 1934, 1935, sobre a violação do embargo, AL, 4-1935, p. 40.

18. Como aconteceu por exemplo de 1842 a 1844, uns anos de muita agitação no Brasil. Só se podia vender armas de luxo e o próprio governo comprava armas de guerra. Carta do Ministro das Relações Exteriores para o do Interior, 19-9-1842, A.M.A.E.B. dossier 4102 Brésil I<sup>o</sup> 1850-1904. Geralmente se protestava oficialmente contra esta proibição. Carta do Ministro a armeiros de Liège 8-10-1843, Id.

19. Stols também assinala problemas com embarques de armas não autorizadas, "*O Brasil se defende...*", p. 66.

20. Depois do fim da presidência de Guzman Blanco, a situação venezuelana era muito incerta, existiam vários grupos de insurgentes.

porto de chegada só servia para trânsito ou se se tratava de um destino fictício, era difícil verificar<sup>21</sup>.

Em 1893, quando o Governo brasileiro se preocupava com o contrabando de armas para revoltosos do Rio Grande do Sul, na Revolta dos Federalistas (1893-1895), o Ministério dos Negócios Exteriores da Bélgica acompanhou durante algum tempo o envio de armas para certos países da América do Sul, única coisa que podia fazer, já que o comércio de armas era completamente livre. O Ministério, através do Ministério das Finanças, recebia notícias da alfândega de Antuérpia que o notificava do transporte de armas: o tipo (de armas), a quantidade, a origem, o destino certificado, o nome do navio, o número da licença de exportação e o dia previsto da saída do porto. Estas informações eram mandadas, em seguida, para o Ministro do Brasil:

carabines	10	Liège	Brésil	Desmond	2112 W	29 juillet
fusils	100	id	id	Hevelins	4251 C	3 aout
id	25	id	Rép Argentine	Oro	2010 J	28 juillet 22

Numa nota interna, foi salientado em nome do Ministro das Finanças que "as exportações de armas não seriam submetidas a controlos administrativos nem à verificação extraordinária, e não seria organizada vigilância especial para conferir a exatidão das declarações dos exportadores"<sup>23</sup>. De acordo com as relações de exportação de armas organizadas que deviam ser feitas pelos inspectores dos impostos em cada porto belga, Brasil era o principal importador, seguido pela Argentina, Uruguai e Chile. Nota-se que as exportações para a América Latina saíam de Antuérpia. Mas nem sempre era fácil obter as

21. *Carta do Governador ao Ministro do 8-6-1887, A.M.A.E.B., dossier 2014, onde se encontra a extensa correspondência referente ao assunto e os dados alfandegários de 1887 e 1888.*

22. *"Exportations d'armes déclarées en destination des ports du Brésil, de la République Argentine et de l'Uruguay", Anvers, 7-8-1893. Um exemplo das listas detalhadas com dados alfandegários de 1893, A.M.A.E.B. dossier 201<sup>2</sup>/3644.*

23. *Carta do Diretor-Geral para o Diretor dos Impostos de Renda e de Consumo (Inspecteur des Impôts Directs et de la Consommation), urgente e confidencial, sobre as exportações de armas, do 28-7-1893; A.M.A.E.B., dossier 201<sup>2</sup>/3644.*

informações requeridas, como mostra a seguinte carta do Governador da província de Liège ao Ministro das Relações Exteriores:

*Comme* suite à voutre dépêche confidentielle... il parait résulter que les meisons *Dumoulin, Lambin et Théâte e Leport* (sic) ont fourni des armes pour le Brésil au cours de cette année; mais il n'a pas été possible de s'en assurer, parce que les expéditions se font par l'intermédiaire d'agents maritimes qui adressent les envois à des collègues d'Anvers et de Rotterdam. Ceux-ci les transmettent ensuite à d'autres agents, la plupart à New-York, qui les expédient enfin aux destinataires<sup>24</sup>.

Caso oposto se apresentou em 1932, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo, quando o Senador Irineu de Mello Machado, Professor de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, condecorado pela Bélgica — *Grand Officier de l'Ordre de Léopold* — faz o seguinte pedido ao governo belga<sup>25</sup>.

Je prends la liberté d'adresser à V. Exc. un *mémoire* ayant pour objet de *mettre en lumière* la déplorable situation du Brésil à l'heure actuelle, d'expliquer et de justifier de toute évidence la révolution brésilienne qui n'est qu'une réaction contre les méfaits de la Dictature et dont l'objet est de rétablir parmi nous la discipline militaire et le régime de la Constitution et de la loi.

Je prie, en outre, V. Exc. de faire proceder d'urgence à une enquête en vue de savoir si le gouvernement dictatorial du Brésil a fait dans votre pays des *commandes* d'armes, d'avions et de *munitions* de guerra.

24. Id., *Carta do Governador da Província de Liège ao Ministro das Relações Exteriores, de 4 de setembro de 1893*.

25. *O Senador recebeu esta condecoração por ser o autor da moção de protesto, apresentada no Parlamento Brasileiro, contra a invasão da Bélgica em 1914*.

Enfin, au nom de la liberté, de la civilisation et de l'humanité je fais appel à V. Exc. pour que les mesures nécessaires soient prises afin d'éviter qu'on exporte de votre pays des armes et des *munitions* destinées à une dictature de bas étage contre laquelle la nation toute entière s'est soulevée...<sup>26</sup>.

A carta menciona ainda que não só o governo francês suspendeu "categóricamente" a exportação de armas e munição ao Brasil como também impediu o fornecimento por particulares. Um relatório detalhado sobre o Brasil acompanha a carta<sup>27</sup>.

O governo belga irrita-se com esta correspondência porque não pode deixar de responder a este Senador merecedor de tão alta condecoração. Após vários esboços, decide enviar uma resposta neutra e lacônica sem atender ao pedido do Senador. Ao mesmo tempo, ao embaixador belga em Paris, são dadas instruções para ele verificar não só se o governo francês realmente parou o fornecimento de armas, mas também informar-se, discretamente, sobre a atividade atual do Senador<sup>28</sup>:

J'ai eu l'honneur de recevoir la lettre du 28 Aout par laquelle V. E. a bien voulu me faire parvenir un mémoire sur la situation actuelle au Brésil.

J'ai pris connaissance de cette communication<sup>29</sup>.

Naquela época o fornecimento de armas podia ser perigoso. Evense Lecron, cidadão belga, foi apreendido no Rio de Janeiro, a pedido do Governador de São Paulo, por contrabando de armas. Como o delito era considerado político, o representante da Bélgica no Rio não conseguiu entrar em contato com Lecron. No mesmo telegrama — secreto — ele menciona, sob

26. A.M.R.E.B., *dossier 11482*<sup>2</sup>: *Guerre civile au Brésil, 1932; carta de 28 de agosto de 1932, de Paris.*

27. *Ibid.*

28. *Id.*, *notas de 6 e 7 (esta confidencial) de setembro de 1932.*

29. *Id.*, *Minute do 14 de setembro de 1932.*

reserva, que fora informado de que a Marinha do Brasil estaria parando navios belgas com carga de armas<sup>30</sup>.

Outro problema, enfrentado por cidadãos belgas, residentes em países latino-americanos, geralmente em conflitos internos, diz respeito às tentativas por parte de alguns de recuperar eventuais danos sofridos por intermédio do Ministério das Relações Exteriores. São extensas as listas de reivindicações relativas aos conflitos: revolução na Colômbia em 1884-1885, outra no Peru em 1885, guerra civil no Chile em 1892, outra na Venezuela em 1892, revolução no Mato Grosso em 1901-1902, revolução no Equador em 1903, guerra civil no Paraguai em 1904-1905, etc.<sup>31</sup>.

Na falta de conflitos, os comerciantes estimulavam a venda de armas, as de guerra especialmente, instigando, através da imprensa conflitos entre dois países vizinhos, como foi o caso do Brasil e da Argentina em 1923. Nesta altura descobriu-se que um grupo internacional tentou liquidar um grande estoque de armas através de notícias alarmantes, na esperança dum conflito entre as duas repúblicas<sup>32</sup>. Mas normalmente não era preciso recorrer a estas práticas duvidosas para vender armas.

Se analisarmos o comércio de armas de modo geral, verificaremos que a Bélgica usufruía de muito prestígio e era bem-vista no Brasil. Os seus produtos, se não eram de alta qualidade eram bem vendidos por serem baratos. O único porém, era que o comércio, se comparado aos grandes concorrentes, como a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e os Estados Unidos, sofria devido à falta das casas de exportações belgas no Brasil<sup>33</sup>. Esta falta de contatos *in loco* é um tema recorrente tanto na correspondência dos diplomatas belgas no Brasil, quanto nas revistas que se ocupam da promoção da exportação

---

30. Id., *Télégramme chiffré n° 10, Rio de Janeiro, le 23 avril 1933*.

31. A.M.A.E.B., dossier 6140, nos documentos "Protection des intérêts belges" de la Direction Politique.

32. Itália, *jornal de Milano*, ap. A.L., mars 1923, p. 25.

33. Para a exportação alemã de armas de fogo ver Maria da Guia Santos, "Au Benhandel und industrielle Entwicklung Brasiliens unter besonderer Berücksichtigung der Beziehungen zu Deutschland (1889-1914)". *Latinamerika-Studien, Band 15, München, Wilhelm Fink Verlag, 1984, pp. 162-164*.

belga para o Brasil<sup>34</sup>. Em contrapartida, os *fabricants d'armes* produziam catálogos em português e outras línguas. Renkin, armeiro de Liège, anunciava em seus catálogos gerais a publicação de catálogos especiais para o Brasil. Em 1922 a Exposição Universal e Internacional no Rio de Janeiro (de 7-9-1922 até janeiro 1923) foi uma ocasião para editar catálogos especiais<sup>35</sup>. Os *fabricants d'armes* apareceram em grande número. Representantes belgas não só participaram na Exposição, mas prolongaram a sua permanência no Rio de Janeiro por alguns meses. Durante essa época uma missão econômica belga aproveitou da Exposição para visitar as vinte repúblicas da América Latina<sup>36</sup>.

Desde os primeiros anos da independência belga (1830), nos relatórios oficiais os diplomatas no Rio de Janeiro, sobre o comércio geral entre os dois países, já se encontra referência à exportação de armas para o Brasil. Nesses relatórios consta, por exemplo, que em 1835, quando foram exportadas 840 caixas com armas (de fogo) e 8 caixas com sabres<sup>37</sup>. Em 1838, as quantidades diminuem para 588 e 6 caixas respectivamente. Mas o maior concorrente é a Inglaterra e suas colônias, com uma exportação no valor de 1.500.000 francos; em seguida vem a Bélgica com 300.000, as cidades hanseáticas com 200.000, a França com 100.000 e outros com 50.000<sup>38</sup>. Entretanto, a quantidade de origem belga era provavelmente maior, já que os dois grandes centros industriais concorrentes, Birmingham e Saint-

34. A.M.R.E.B., *Dossiers 4102, Brésil I*<sup>1</sup>, *Brésil I*<sup>2</sup>; 2806, *Brésil, dossier général*. A mesma crítica se encontra, por exemplo, em "Le développement industriel du Brésil; les principaux pays qui fournissent en ce pays", *L'Exportateur belge*, 29-4-1925, p. 37-38.

35. Ver, entre outros, os numerosos catálogos de Dumoulin, para a Exposição, Renkin, Bertand... Arquivo M.A.L. Sobre Renkin ver Ph. Questienne. "Trois siècles d'une famille d'armuriers: les Renkin", *Le Musée d'Armes. Etudes et recherches sur les armes anciennes*, nº 59, décembre 1988, pp. 2-34.

36. Sobre a Exposição no Rio de Janeiro e a Missão Econômica, ver AL, 8-1921, p. 62; 11-1921, p. 90; 12-1921, pp. 96-97; 2-1922, p. 19; 10-1922, p. 91. Neste último número são mencionados todos os *fabricants d'armes* e armeiros que participaram da Exposição.

37. Por exemplo, uma caixa continha 20 fuzis, em média.

38. Relatórios de 1835 e 1838 do Consulado de Bélgica no Rio de Janeiro, A.M.A.E.B., *dossier 4102, Brésil I*<sup>1</sup>, 1835-1850.

Etienne, vendiam armas belgas como se fossem de origem inglesa e francesa.

Neste ensaio serão principalmente abordadas duas categorias: a de armas de guerra e a de escambo por serem as mais interessantes.

Armas belgas fazem parte do armamento brasileiro a partir do Primeiro Reinado. Estas armas são consideradas propriamente belgas só a partir de 1830, quando nasce o estado belga, enquanto as armas de Liège são, obviamente, de data anterior. Como foi mencionado acima (p. 3), Portugal também usou material bélico feito pela indústria de Liège na época colonial<sup>39</sup>.

O mesmo tipo de arma podia vir de países diferentes: por exemplo, da Bélgica e da França ou da Bélgica e da Inglaterra, etc., e isto podia acontecer simultaneamente ou consecutivamente. A Inglaterra era o principal fornecedor de armas de guerra ao Brasil na primeira década da independência belga. Esta situação vem a mudar graças à iniciativa de nada mais que um inglês, que passa a promover armas belgas.

Segue-se uma relação de armas belgas usadas durante o Império. Ela não é completa. Falta, por exemplo, a marca Nagant<sup>40</sup>.

A infantaria ligeira, (caçadores a pé) a primeira a utilizar armas de procedência belga, empregou de 1822 até 1850 carabinas de pederneira, marca Pirlot, de calibre 18,5 mm, depois passou a usar carabinas de antecarga e fulminante, sistema

39. Para o que segue, ver Gustavo Barroso, "A Armaria do Museu Histórico Nacional", *Revue Internationale d'Histoire Militaire*, Edition brésilienne, Rio de Janeiro, Paris, 1952, pp. 276-279. Certos nomes e referências técnicas foram corrigidos pelos senhores M. Centi, diretor do Banc d'Épreuves de Liège, et. P. Dubrunfaut do Musée royal de l'Armée et d'Histoire Militaire.

40. No A.M.A.E.B., dossier 4102, *Brésil I*<sup>2</sup>, 1851-1904, se encontra uma série de cartas entre Em. & L. Nagant, o Ministro das Relações Exteriores e a Legação no Rio de Janeiro. Em 1887 Nagant tenta induzir o Ministro da Guerra do Brasil a adotar no revólver Nagant, modelo sueco. Sobre a marca Nagant no mercado brasileiro, ver Claude Feys, René Smeets, *Les Revolvers et Fusils Nagant*. Paris, Jacques Grancher, 1982 [collection "Prestige des armes" dirigée par Dominique Venner] pp. 76-77, 101. Sobre armas brasileiras de procedência belga, também ver Jean Huon, *Un siècle d'armement mondial, armes à feu d'infanterie de petits calibre*, tome I, Paris, Crépin, Leblond, 1976, pp. 257-259.

Minié, com sabres-baionetas, de Laport e Malherbe; de 1860 a 1871, carabinas Minié, de calibre 18,5 mm, de Mordant, Dresse-Laloux e Lemille. De 1872 a 1889, usou-se carabinas Comblain, de retrocarga, tiro simples e unidade de cartucho<sup>41</sup>.

A infantaria de linha (fuzileiros) começou a partir de 1850 a adotar armas belgas: espingardas de alma lisa, antecarga e fulminante, de calibre 18,5 mm, com baionetas e, no fim da década, sabres-baionetas, de Laport e Malherbe; de 1860 a 1870, também introduziram-se espingardas, do sistema Minié, de calibre 18,5 mm, de Mordant, Lemille, Dresse-Laloux. De 1872 a 1889, passou a usar espingardas Comblain de retrocarga, tiro simples e unidade de cartucho, de modelos de 1872 a 1880.

A cavalaria (caçadores a cavalo e lanceiros) passou também às armas belgas a partir de 1850: até 1858, clavinotes, clavinhas e pistolas de fulminante e antecarga, de calibres 17,5 e 19 mm, de Lavaux, Laport e Mordant; pistolas do mesmo sistema, de Laport.

Sapadores: de 1872 em diante, usaram carabinas Martini-Henry, de retrocarga, com sabres-serrotes. No início não eram fabricadas na Bélgica.

Mesmo assim, nem sempre é possível aproveitar todas as oportunidades comerciais no campo do armamento militar. Durante o Segundo Reinado, em 1863, o cônsul geral belga no Rio de Janeiro soube que o Brasil ia gastar 2000 contos de réis (correspondendo, na época, a mais ou menos a 6 milhões de francos belgas) em armamento de guerra para a defesa nacional, metade para o Arsenal de Guerra e outra metade para o Arsenal da Marinha. O cônsul geral alertou imediatamente o seu Ministério no ensejo de aproveitar a oportunidade de incentivar a indústria belga. Para armas portáteis não existia problema, mas a venda de canhões raiados belgas para o Exército Brasileiro, como ele queria, era impossível já que, de um lado, todos os componentes do modelo eram segredo e, de outro lado, ainda não eram produzidas quantidades suficientes para o próprio Exército belga<sup>42</sup>. Canhões não foram o forte de Liège

---

41. *Sobre o sistema Comblain ver George A. Hoyem, The History and Development of Small Arms, Ammunition, vol. 2, Centrefire: Primitive and Martial Long Arms, Tacoma, Armory Publications, 1982, pp. 156-157.*

42. *Correspondência entre o consulado geral do Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores e Ministério da Guerra em 1863, A.M.R.A., dossier Brésil.*

como as armas portáteis. Na América Latina, no século XIX, foi o México que comprou regularmente canhões (não raiados)<sup>43</sup>.

A partir da República Velha, a marca Mauser, de origem alemã, que passou a ser fabricada na Bélgica, foi usada pelos militares no Brasil. Na infantaria usava-se fuzis de retrocarga e repetição, com sabres-punhais modelos brasileiros de 1894 e 1898, na cavalaria, mosquetões e na Marinha, fuzis. Estas armas eram fabricadas pela Fabrique Nationale, de Herstal<sup>44</sup>. De fato, mal a Fábrica apenas se estabelecera (ver p. 4) e o Brasil era um dos primeiros clientes:

*Comme commandes importantes que cette société a déjà reçues, on peut noter: celle de 200.000 fusils Mauser, cal. 7,65 mm, du Gouvernement Belge; celle de 50.000 armes Mauser, cal. 7 mm du Gouvernement Brésilien; en autres diverses autres commandes pour la Chine, l'Uruguay, la Colombie, . . . , se montant à un total de 200.000 armes environ<sup>45</sup>.*

Armas do Exército Brasileiro passavam depois a ser usadas pela Polícia Militar dos Estados. Mas as armas nem sempre ficavam em mãos militares. No Sertão nordestino, durante a época do cangaço, especialmente nas últimas décadas, até 1940, armas militares foram usadas pelos cangaceiros<sup>46</sup>. Aliás, na luta contra o cangaço, a polícia militar também distribuiu velhos fuzis militares a sertanejos de confiança que moravam nas zonas mais infestadas<sup>47</sup>. O mais famoso dos cangaceiros, Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1897-1938) adotou o fuzil e mos-

43. Segundo os dados dos anos em que o tipo de arma era registrado separadamente, como em 1842-1864, *Statistique de Belgique*, Tableau du commerce extérieur de la Belgique, 1831-1930.

44. Sobre os vários modelos Mauser ver Ludwig Olson. *Mauser, Bolt Rifles, Monteurna, Iowa, E. Brownell & Son Publishers Inc.* 1988 (3d. ed., updated 8th printing, 1976), pp. 76-78, 145-147, 154-171.

45. "Fabrique Nationale d'Armes de Guerre, Herstal, lez-Liège, A.L., p. 166; Francotte, Gaier, FN-Browning, p. 34.

46. Sobre o arramento de cangaceiros ver Frederico Pernambucano de Mello, *Guerreiros do Sol: o banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife, FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985, pp. 133, 173, 201-204.

47. Id., pp. 172-173.

quetão Mauser, calibre 7 mm. Ele usava o modelo 1908 que vinha da Alemanha (*Deutsche Waffen und Munitionsfabriken*). Os outros membros do grupo usavam o modelo 1895 da FN e DWM<sup>48</sup>. O grupo também usou o modelo 1922, da FN<sup>49</sup>. Estas eram compradas, recebidas ou roubadas. A doação mais famosa ocorreu em 1926, quando Lampião recebeu a patente de capitão, uniformes, armas e munição de Padre Cícero Romão Batista. A intenção do Padre era que Lampião deixasse o cangaço e combatesse, legalmente, a Coluna Prestes. Isto não se realizou, mas para Lampião foi a primeira oportunidade de trocar Winchesters por Mausers<sup>50</sup>. A qualidade do armamento teve uma importância primordial na sobrevivência do cangaço. No último combate de Lampião, 28-7-1938 em Angico, a Polícia Militar tinha um grande avanço tecnológico, usando várias submetralhadoras Bergmann<sup>51</sup>. Os cangaceiros chamavam as submetralhadoras de costureiras e tinham um grande respeito por estas armas que não conseguiram para uso próprio.

Todavia, como não era sempre fácil adquirir a munição necessária, pelos mesmos métodos já citados, os cabras mais simples usavam carabina e rifle Winchester (New Haven, Conn, E.U.A.), que podiam ser comprados em armazém, juntamente com a munição. Os precursores de Lampião usaram também a Winchester. Sebastião Pereira, chefe do grupo que Lampião integrou, e Antônio Silvino (Manuel Batista de Moraes, 1875 (?) 1944), o grande precursor de Lampião, usaram esta arma<sup>52</sup>.

---

48. O modelo é conhecido como 1895 no Brasil, mas na arma consta: "Estados Unidos do Brasil, Fabrique Nationale d'Armes de Guerre Herstal, 1894.

49. Nas fotografias dos cangaceiros se pode reconhecer os vários modelos. Pernambucano de Mello, *Guerreiros do Sol*, ver nas páginas sem número, onde, em certas legendas, o tipo e modelo de arma são especificados.

50. Billy Jaynes Chandler, *The Bandit King, Lampião of Brasil*, College Station, Texas A&M University Press, 1978, pp. 70-72.

51. Segundo o Coronel Montezuma da Polícia Militar de Pernambuco, estes Bergmanns eram as armas confiscadas da família Lundgren, de posse das Casas Pernambucanas (Recife, 7-1989).

52. Sobre a vida de Sebastião Pereira, ver Nertan Macedo, Sebastião Pereira. O Comandante de Lampião, Rio de Janeiro, Artenova, 1975. Sobre Antônio Silvino ver Marianne L. Wiesebron. Antônio Silvino — Cangaceiro do Nordeste: sa période d'activités, 1897-1914, thèse pour le doctorat de 3e cycle, Paris III, Sorbonne Nouvelle, 1979.

Antes do aparecimento da Mauser, a Comblain também foi usada pelos cangaceiros<sup>53</sup>. Jesuíno Brilhante, o mais famoso cangaceiro do século XIX, usava uma carabina sistema Minié<sup>54</sup>. Aqui, de novo, a lista de armas belgas usadas neste período não é exaustiva. Não consta, por exemplo, a pistola semi-automática FN 1900, conhecida no Brasil como a "Mataduaques" (porque foi usada em Sarajevo em 1914), usada pela força volante a partir de 1910.

Na categoria de armas civis encontram-se armas de caça, armas para esporte e armas de luxo. O termo luxo podia servir para indicar toda arma que não fosse para uso militar, isto é toda arma civil<sup>55</sup>. Andar armado no Brasil era comum e, ainda hoje, muitos brasileiros adquirem armas para uso particular. Quanto aos tempos antigos, tem-se que pensar nos animais perigosos e na falta de segurança nas estradas.

No século passado, a Bélgica não tinha no princípio concorrente para as armas civis, só para as armas de guerra. Em 1841, o representante belga no Rio se queixa da concorrência entre uma dúzia de casas de armas de Liège diminuindo assim a margem de lucro<sup>56</sup>.

Um dos mais importantes comerciantes de armas belgas no Brasil, a família Laport, que manteve uma casa no Rio de Janeiro durante grande parte dos séculos XIX e XX, ofereceu um revólver magnificamente trabalhado, com ouro e prata, ao Imperador D. Pedro II. Fora fabricado por L. Dolne, aproximadamente, em 1855. Um acaso fez com que esse revólver voltasse às mãos da família<sup>57</sup>. A mesma família, em Liège, man-

53. No Jornal Pequeno (Recife) de 10-11-1903, aparece a fotografia de Cocada, companheiro mais importante de Silvino, o qual carrega um Comblain. Em Guerreiros do Sol, de Pernambuco de Mello, aparece a mesma fotografia, que traz o nome Antônio Mathias de Aguiar. Ver sobre este assunto, Wiesebron, "Cinquante ans après la mort de Lampião, L'habit (ne) fait (pas) le cangaceiro", Taira, C.R.E.L.I.T., nº 2, pp. 71-72.

54. Sobre Jesuíno Brilhante, ver Rodolfo Teófilo. Os Brilhantes, Brasília, Col. Lit. Brasileira, 1972, 3a. ed. (1895).

55. Gaier, Quatre Siècles, p. 99.

56. Rapport du Consul-général de Belgique à Rio de Janeiro, 1841, A.M.A.E.B., dossier 4102. Brésil I<sup>1</sup>. 1835-1850.

57. Segundo Philippe Laport, junho de 1990. Faz parte duma coleção particular dum outro membro da família, em Bruxelas. Uma fotografia, a cor, desta obra de arte se encontra em Gaier, Quatre siècles, 46c.

tinha laços estreitos com o Brasil o que se pode verificar num cartão de participação de casamento de 1875, em que o noivo Henri Laport, era apresentado como vice-cônsul do Brasil em Liège, tendo sido condecorado Cavaleiro da Ordem Imperial da Rosa<sup>58</sup>.

Mas Laport não era o único comerciante belga com uma filial no Rio de Janeiro. No século XIX, por exemplo, Nicolas Hanquet estabelecera por uns quinze anos uma casa no Brasil<sup>59</sup>.

Segundo os dados estatísticos dos registros de 1842 a 1855 e de 1904 a 1930, pode-se verificar não só as quantidades mas também os tipos de armas mais vendidas para o Brasil. Em primeiro lugar nota-se as armas de caça e de luxo, em segundo lugar, as armas de guerra e, em terceiro lugar, as armas brancas. Estas só representavam uma pequena parcela e era o tipo de arma oriunda de outro país que mais passava pela Bélgica (em trânsito), sobretudo, no século XIX. Só se alude raras vezes a armas vindas do Brasil: 1853, 1914, 1919, 1927 e 1929. No primeiro caso tratava-se de trânsito, nos outros de importação. Estas armas, possivelmente, eram mandadas para serem consertadas<sup>60</sup>.

As armas de escambo constituem uma categoria bem diferente e são, às vezes, chamadas armas de exportação<sup>61</sup>. Neste caso, a qualificação arma de exportação implicava falta de qualidade. As armas *de traite* (de escambo) eram fuzis carregados pela boca, por sílex, por percussão. No século passado, parece ter constituído uma parte importante do comércio de armas, como indicam os seguintes números referentes a janeiro de 1841. O Brasil importou 363 caixas de armas, das quais 122 vinham de Hamburgo com armas brancas, 2 do Havre e 239 da Bélgica com armas de fogo:

60	caisses armes de traite
99	" armes diverses à l'usage
80	" armes de guerre, vendues d'avance <sup>62</sup> .

58. Cartão de participação de casamento entre Thérèse Riedy e Henri Laport, Rio de Janeiro, 29-9-1875; Arquivo M.A.L.

59. Gaier, *Quatre siècles*, p. 140.

60. *Statistique de Belgique*, Tableau du commerce extérieur de la Belgique, 1831-1930.

61. J.R. Clergeau, "Les armes de traite", "Les arquebusiers de France" Bulletin N° 39, mai/juin 1970, Paris, pp. 916.

62. *Rapport du Consul-général de Belgique à Rio de Janeiro, 1841*, A.M.A.E.B., Dossier 4102, *Brésil I*, 1835-1850.

Dessa forma, comerciantes brasileiros compravam essas armas dos produtores belgas para serem vendidas a indígenas ou para serem usadas na África, em troca de escravos. As armas não eram o único produto europeu para o escambo como mostra o seguinte relatório comercial de 1838:

...Continuation de la Traite des Noirs

1838 province Rio de Ja-

neiro 56.000 noirs — 44.000 Rio

— 12.000 divers points voisinage

mortalité 1/8                      7.000

63.000 noirs exportés de la côte  
d'Afrique

un capital de 20.000.000 francs payés de la manière  
suivante:

3.000.000 en denrées Brésiliennes

9.000.000 réexportations Manufactures  
d'Europe

8.000.000 valeurs métalliques

20.000.000                      63.

Neste tipo de comércio, os comerciantes brasileiros continuavam uma longa tradição portuguesa. O escambo não era só de escravos, mas também de ouro, marfim...

Inicialmente, este tipo de arma, produzido em Liège pelo menos desde o século XVIII, tinha uma qualidade aceitável. A sua produção existiu até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e até mesmo depois da Guerra, mas a sua qualidade foi diminuindo, com o passar dos anos. Chegou-se ao ponto de fabricar os "*fusils-perroquet*", assim denominados devido às cores berrantes, destinadas especialmente aos indígenas<sup>64</sup>. O termo "*perroquet*" não parece ser extravagante:

63. *Consulat de Belgique à Rio de Janeiro, Rapport Commercial 1838*; A.M.A.E.B., *Dossier 4102, Brésil I*<sup>1</sup>, 1835-1850.

64. *Sobre as armas para os indígenas ver Jean-René Clergeau, "Lazarinos" et "Perroquets"*, AML n<sup>o</sup> 71, janvier 1986, pp. 64-67.

Les bois sont ainsi laqués en rouge, orange, vert chou ou vert amande, bleu vif, ou toutes les nuances possibles du jaune. Parfois dans les fabrications les plus récentes, on a utilisé une peinture donnant des reflets irisés. Certains, préférés par les Indiens du Haut-Amazone (en amont d'Iquitos), sont peints de plusieurs couleurs, parfois une différente pour chaque cannelure de la crosse, et souvent parmi ces teintes délirantes se trouvent des parties "argentées" avec de la peinture aluminium pour tuyaux de poêle<sup>65</sup>.

A casa Laport introduziu um fuzil de escambo, conhecido como o "Brésilien" no mercado brasileiro. Era um fuzil de pequeno calibre, com uma cabeça esculpida na coronha<sup>66</sup>. Em vários catálogos de *fabriquants d'armes* encontra-se depois este termo<sup>67</sup>. O "Brésilien" foi produzido até, mais ou menos, a Segunda Guerra Mundial, não só para o mercado brasileiro, mas também para outros países da América Latina, especialmente a Argentina. Além do fuzil "Brésilien" existia também uma pistola (*pistolet "Brésilien"*) que foi produzida até a mesma época aproximadamente. Neste caso ou a coronha era esculpida ou o tamanho era maior do que o europeu<sup>68</sup>.

Existe uma confusão entre o termo arma de escambo e "arma de exportação" que tinha o mínimo de qualidade. É especialmente após o término do tráfico de escravos que a arma passou a ser chamada de exportação em vez de arma de escambo, quando não existia mais o comércio de escravos. Mas, apesar da qualidade inferior, existia um grande mercado, a maior parte nas mãos dos produtores de Liège<sup>69</sup>.

65. Clergeau, "Lazarinos", p. 65. Uma amostra da firma Hanquet ( $\pm$  1925) dá uma impressão destas cores; Gaier, Quatre siècles, B1 c.

66. Gaier, Quatre Siècles, p. 185.

67. Por exemplo: Masereel, catalogue n° 51, p. 105, carabine dit "la Brésilienne", n° 5145. Ou o catálogo de Ant. Bertrand & Fils, provavelmente do fim do século XIX: "Fusils un coup et deux coups à baguette pour le Brésil", planches n° 33, 34, 35, 36, 37, 38, Arquivo M.A.L.

68. Clergeau, "L'Amérique du Sud et les "Brésiliens", AML n° 76, 1986, pp. 72-77. No catálogo Dumoulin, n° 930, há uma lista de vários modelos de "pistoletes brasileiras".

69. Gaier, Quatre siècles, pp. 56, 184-185.

Antigamente, em alguns países africanos, as armas tinham mais uma função simbólica, isto é serviam apenas para representar o poder e não eram usadas nos combates ou na caça, onde se preferiam armas africanas mais tradicionais, como lanças, arcos e flechas. Isto foi válido na Angola no século XVIII, mas a situação mudou no século XIX<sup>70</sup>. Mas em outros países, mais ao norte, como a Senegâmbia, as armas desempenhavam um papel primordial na caça aos escravos. Podiam ser usadas diretamente para capturar escravos ou em guerras, no fim das quais vendiam-se os prisioneiros como escravos. A arma se tornou o principal produto de escambo e traficantes de negros que não podiam fornecer armas perdiam o mercado de escravos<sup>71</sup>.

A qualidade inferior destas armas servia para impedir que os africanos viessem a lutar ao mesmo nível que os europeus. A preocupação em manter o armamento dos africanos a um nível apenas "aceitável" para os europeus, isto quer dizer, sem representar nenhum perigo para eles, é constante, existindo até uma legislação a respeito. Quando, de vez em quando, grandes estoques de armas de guerra de modelo ultrapassado eram liquidados naqueles mercados, estas armas eram ainda modificadas para não serem avançadas demais<sup>72</sup>. Para dar um exemplo concreto, armas a percussão, de excedentes militares, eram transformadas em armas a sílex<sup>73</sup>.

O grande concorrente para a Bélgica neste tipo de arma era a Inglaterra (Birmingham) que fabricava armas mais apreciadas no mercado africano, mas mesmo assim a Bélgica fez ótimos negócios no Brasil, até 1838, segundo um relatório de 1839. Todavia, como armas belgas eram fabricadas e vendidas como sendo inglesas, as indicações nos relatórios não são inteiri-

---

70. *Sobre o comércio/escambo de armas para África e o valor em troca de um escravo, ver Joseph C. Miller, Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade, 1730-1830, London, James Currey, 1988, pp. 86-94.*

71. *W. A. Richards, "The Import of Firearms into West Africa in the Eighteenth Century", Journal of African History, 21, nº 1, 1980, pp. 43-59.*

72. *Paul Dubrunjaut, "Armes à feu de traite en Afrique à la veille de la colonisation européenne", Militaria Bélgica 1986, pp. 25-30, especialmente pp. 28-30.*

73. *Id., p. 28.*

ramente corretas<sup>74</sup>. Em torno de 1840 a marinha inglesa tinha começado a fazer a caça a navios negreiros, o comércio tinha se tornado ilícito e as armas se acumulavam em depósitos<sup>75</sup>. Em listas, porém, de armas de 1840 e 1841 faz-se ainda bastante menção da lazarina.

*Les fusils pour la côte d'Afrique, sont connus sous la dénomination de Lazzarinos de balla de 1/2 balla de 3/4 balla e de grosses romaines de balla...<sup>76</sup>.*

As lazarinas eram originalmente fabricadas por Lázaro Lazarino, em Braga, como fuzis de exportação. Ele usava canos de Birmingham e de Liège e assinava "Lázaro Lazarino Legítimo de Braga"<sup>77</sup>. As vezes, não só o nome mas até a assinatura era conservada quando esta arma passava a ser feita inteiramente em Liège e é assim que consta em alguns catálogos dos *fabricants* de Liège<sup>78</sup>.

74. O centro de fabricação deste tipo de arma, Birmingham, ocupava-se de armas de guerra e passava cada vez mais encomendas para Liège. Na segunda metade do século XIX, Liège começou a dominar diretamente o mercado na África. Bailey, *English gunmakers*, pp. 24-25.

75. Rapport sur le commerce du Brésil, articles d'importation pour Rio de Janeiro, 1839, A.M.A.E.B., dossier 4102, *Brésil I* 2, 1851-1904.

76. Id, e listas de exportação de 1840 e 1841.

77. Eugene Heer, *Der Neur Stockel, Internationales Lexicon der Büchsenmacher Randfeuerwaffen — Falmhauten und Armbrustmacher von 1400-1900*, Schwend, G.m.D.H., Journal-Verlag, 1978, pp. 688-689. Lázaro Lazarino, cujo pai já trabalhava em Braga descende provavelmente de uma família de armeiros, os Caminazzos, de Brescia, onde se encontrava frequentemente a assinatura "Lazarino Caminazzo"; Id. pp. 233-235, 688.

78. "Le 'Lazarino' est une copie du fusil fabriqué au début du XIXe siècle par Lázaro Lazarino, arquebusier de Braga. Il était primitivement destiné aux colonies portugaises d'Afrique et d'Amérique du Sud"; Gaier, *Quatre siècles*, p. 185. Um "Lázaro Lazarino Legítimo de Braga" se encontra num magnífico catálogo da Fve. J. Renkin à Liège, com desenhos feitos a pluma e policromados a mão; Arquivo M.A.L. Segundo Dubrunfaut, o catálogo é datado entre 1839-1849.

Nota-se, também, a grande quantidade de lazarinas importadas no Brasil no inventário realizado por ocasião da falência da casa comercial belga Tiberghien Frères et Isler, no Rio de Janeiro. Entre os produtos mais importantes da casa encontram-se vários tipos de armas<sup>79</sup>.

Mesmo assim, antes da abolição do tráfico de escravos, em 1850, tanto a reexportação de armas como o tráfico de escravos causava problemas. A reexportação foi especialmente mencionada pelo Ministro das Relações Exteriores, numa carta de 1843, a Ancion, Hanquet et Cie de Liège, sobre a proibição de exportação de armas para o Brasil<sup>80</sup>:

... Les événements qui avaient donné lieu à la prohibition dont se plaignent les manufacturiers d'arme se prolongent avec le même caractère de gravité, et le Gouvernement brésilien doit être peu disposé à renoncer aux garanties qu'il avait cru devoir prendre. D'un autre côté, il est difficile d'espérer qu'il fera l'acquisition, pour son compte du nombre d'armes, probablement très considérable, dont la vente est arrêté par suite de la défense de trafic et de réexportation...

Em prosseguimento a diversos pedidos oficiais a proibição foi finalmente abolida em 1844, mas só para o comércio dentro do Brasil. As reexportações não constam na autorização, tampouco as armas de guerra. Aliás, o comércio deste tipo de arma para a África não parou depois do fim do tráfico em 1850. Em 1851 e 1852, o Governo Brasileiro reduziu as reexportações, impondo tarifas mais elevadas, de 5 a 15%<sup>81</sup>. O comércio triangular continuou. A venda de armas para a África permaneceu considerável<sup>82</sup>.

79. Ver vários documentos, A.M.A.E.B., dossier 4102, *Brésil I*<sup>1</sup>, 1835-1850.

80. Minute urgente, 8-10-1843, A.M.A.E.B., dossier 4102, *Brésil I*<sup>2</sup>, 1851-1904.

81. *Importações belgas no Brasil*, B 263, *Annexe 131*, do *Cônsul-Geral da Bélgica no Rio*, 13-1-1853, A.M.A.E.B., dossier 4102, *Brésil I*<sup>2</sup>, 1851-1904.

82. *Sobre o tipo de armas mandadas para África em fins do século XIX*, ver "*La fabrication des armes à Silex*", A.L., 12-1899, pp. 250-251.

Para se poder ter uma visão de conjunto do movimento de exportação vão ser analisadas as estatísticas deste comércio nos anos de 1831 a 1930. Neste estudo foram só considerados estatísticas belgas, porque sempre existem diferenças entre países. Nas estatísticas belgas encontram-se às vezes referências que ilustram bem a distinção do comércio exterior de ambos os países. Além disso, é interessante notar que tanto o Brasil como a Bélgica acredita exportar menos e importar mais. Os valores são em milhares de francos belgas. Nas tabelas, a Bélgica indicava também o valor na moeda do país, neste caso em *mil réis*.

ANO	Imp. B	Exp. BR	Exp. B	Imp. BR
1905 . . . . .	27.937	22.736	22.896	21.126
1906 . . . . .	31.728	27.818	36.206	32.853
1907 . . . . .	80.697	73.709	33.729	40.488
1908 . . . . .	35.162	24.635	37.304	41.682
1909 . . . . .	39.496	33.741	34.472	41.682
1910 . . . . .	32.039	29.395	59.460	37.819
1911 . . . . .	37.916	40.316	52.909	54.432
1912 . . . . .	49.437	50.360	89.549	85.884

Além do mais, o Brasil nem sempre fazia a distinção entre a procedência e a origem dum produto<sup>83</sup>. Considerava-se a nacionalidade do navio como indicação do país de origem. Dependendo da época, muitos produtos belgas eram transportados por navios de outra nacionalidade, especialmente ingleses. Para dar só um exemplo: nos anos de 1894 e 1895 acostaram respectivamente 1297 e 1460 navios de alto bordo no Rio de Janeiro. Destes, respectivamente, 629 e 679 eram ingleses, 140 e 164 alemães, 166 e 159 franceses, . . . e 11 e 9 belgas<sup>84</sup>. No *Tableau Général du commerce extérieur de la Belgique* são identificados todos os navios: a procedência, o destino, a tonelagem, a carga

83. *Como se queixa, por exemplo, o cônsul-geral numa "Note sur le Brésil" de 1925, A.M.A.E.B., dossier 4398, 1914-1926, Questions économiques diverses, Brésil.*

84. *Annexe C., annexe rapport de Rio de Janeiro, 11-8-1896, A.M.A.E.B., dossier 4102, Brésil I<sup>2</sup>, 1851-1904".*

e a nacionalidade ou pavilhão<sup>85</sup>. Quanto à identificação duma arma, isto era somente possível quando esta tinha uma inscrição indicando o país de fabricação, se não existisse falsificação, mais ou menos oficial<sup>86</sup>. Mesmo assim, isto nem sempre era o caso, principalmente antigamente. Uma indicação certa da origem duma arma podia ser a marca do Banco de Provas, LEG, no caso de Liège.

No século XIX, a balança comercial foi sempre a favor do Brasil, exceto nos anos de 1878, 1879 e 1881. Isto mudou no século XX, depois de 1904, aqui também com certas exceções, incluindo o período da Primeira Guerra Mundial. Naquela época, a Bélgica conheceu problemas como as prorrogações de tarifas alfandegárias vantajosas, que o Brasil só queria conceder anualmente, problemas esses que se complicavam ainda mais, se se leva em consideração a duração dos debates no Parlamento e as viagens demoradas. Em certo momento, existiam até tarifas especiais para os Estados Unidos e a Bélgica, que eram concedidas na base de reciprocidade<sup>87</sup>. De fato, a balança comercial entre os dois países permanecia quase sempre, nesse período, a favor da Bélgica, apesar de certas matérias-primas, como o café, o cacau, a borracha e outros produtos, poderem entrar livremente na Bélgica desde 1903<sup>88</sup>.

---

85. *Esta informação, mais ou menos detalhada, dependendo dos anos, com as várias nacionalidades dos navios ou só a menção estrangeiro, com o tipo de navio (a vela, a vapor, a motor) ou sem os dados específicos para cada tipo, tonelagem, carregamento e lastro, mostram como ao decorrer dos anos cada vez menos navios belgas vêm do ou vão ao Brasil, Tableau Général du commerce extérieur de la Belgique, Statistique de Belgique, Institut National de Statistique, (abreviado em I.N.S.), para os anos 1831-1930.*

86. *Como era o caso das armas fabricadas em Liège, que eram marcadas com a palavra Tower para serem vendidas depois como armas inglesas, possivelmente a pedido dos próprios ingleses. Ver Dubrunfaut, Armes à feu de traite en Afrique Noire, Aspects technique, artistique et ethnologique. Proposition d'une typologie. Mémoire de licence présenté à l'U.L.B., Faculté de Philosophies et Lettres, 1984. De vez em quando a descrição em inglês era típica de Liège e se podia reconhecer a proveniência. Bailey, English gunmakers, p. 25.*

87. *Ver, por exemplo, a correspondência de 1923, A.M.A.E.B., dossier 4323 bis, Brésil.*

88. *Ibid.*

Em todo caso, as tabelas mostram claramente que armas quase sempre foram um dos dez produtos mais importantes de exportação belga para o Brasil. Durante muitos anos este produto se manteve nos três primeiros lugares, variando entre primeiro e terceiro lugar, concorrendo com produtos de vidro e cristal e produtos de ferro. No século XIX encontram-se papel e tecidos de algodão na lista de produtos exportados em grandes quantidades. Produtos de ferro e aço tornaram-se cada vez mais importantes e nas últimas décadas do século alternavam com bondes, trens e trilhos. Em 1912 e 1913 o produto belga que ocupa o primeiro lugar é o velocípede. A importância do Brasil como parceiro comercial da Bélgica é salientada nos gráficos dos anos de 1898 e 1910 que mostram os doze países mais importantes do ponto de vista comercial para a Bélgica desde 1831. No gráfico de 1898, a República Argentina e o Brasil vêm, depois de cinco países europeus e dos Estados Unidos, no sétimo e oitavo lugar respectivamente, antes de quatro outros países da Europa. Em 1910, a situação piorou um pouco para o Brasil, que passou para o décimo primeiro lugar, a Argentina permanecendo no seu lugar<sup>89</sup>. Isto em relação ao comércio em geral, porque a Argentina comprava menos armas que o Brasil, salvo algumas exceções. Na balança comercial entre a Argentina e a Bélgica, a Argentina saía favorecida, mas o desequilíbrio era bem maior do que aquele entre o Brasil e a Bélgica. Este último era o segundo país mais importante para o mercado de armas da América Latina<sup>90</sup>. Um outro mercado importante de armas era o México, menos interessante quanto ao mercado em geral.

Apesar de dificuldades durante certos anos, de proibições em outros, todo ano foram exportadas armas para o Brasil. A quantia podia variar, mas não houve exceção, segundo os registros oficiais. Um exemplo que toca provavelmente o Brasil prova sobremaneira o senso de comércio destes produtores. Como o Brasil cobrava imposto pelo número de canos, a Bélgica exportava pistolas com duas coronhas e um cano. Uma vez che-

---

89. "Tableau comparatif du commerce spécial de la Belgique avec les principaux pays d'importation et d'exportation", 1831-1898 e 1831-1910; Tableau général du commerce extérieur de la Belgique, *Statistique de la Belgique*.

90. Segundo os dados do Tableau Général...; 1831-1930.

gada no Brasil, o cano desta arma era serrado pelo meio, podendo vender-se duas armas<sup>91</sup>.

Se para a Bélgica o Brasil foi comercialmente importante, para o Brasil, a Bélgica ainda era mais importante. Por exemplo, na década de vinte, era o sexto (em 1923) ou quinto (em 1929) fornecedor do Brasil<sup>92</sup>. O produto mais importante exportado para a Bélgica era o café, que desde o início permaneceu quase permanentemente em primeiro lugar. Vinham em seguida couro cru e a lã.

No comércio de armas com o Brasil os grandes concorrentes eram, no início, sobretudo a Inglaterra e a França<sup>93</sup>. Depois, a Alemanha e os Estados Unidos tornaram-se grandes exportadores. Os Estados Unidos tentavam, às vezes, reservar o mercado do continente americano para si mesmo. Também se encontram no Brasil armas de diversos outros países europeus como a Austria (Mannlicher, Kropatschek), a Itália (Beretta), etc.

A partir porém, da década de trinta deste século, o Brasil começa a desenvolver a sua própria indústria de armamento. Nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 70, o Brasil tornou-se não só grande produtor mas também exportador de todo tipo de arma, sobretudo para países do Oriente Médio e outros países do continente latino-americano. Hoje em dia, o Brasil encontra-se entre os quinze exportadores mundiais mais importantes e a Bélgica não consta desta lista. Aliás, um dos clientes mais importantes do Brasil é (era) o Iraque e com o embargo das Nações Unidas contra este país por haver inva-

91. *Um exemplo desta arma se encontra no M. A. L. Existe uma outra teoria, mas menos provável, sobre a razão desta pistola: canos com um comprimento inferior a 18 cm., eram proibidos. Para a alfândega, o comprimento deste cano era regulamentar e depois a pistola era dividida. O caso precisa ser mais estudado*

92. Para 1923, "Le développement industriel du Brésil; les principaux pays qui fournissent en ce pays, L'Exportateur belge, 29-4-1925, p. 37-38. Para 1927, Revue commerciale brésilienne, 1928, n.º 1, p. 9, n.º 2, p. 5; 1929, n.º 15, p. 15; n.º 17, p. 3; n.º 20, p. 4. Nesta revista se encontra regularmente publicidades para armas.

93. Bailey compara a produção de Liège e Birmingham no século XIX, e mostra o surto de Liège e o declínio de Birmingham no fim do século; English Gunmakers, pp. 25-26, 108-109.

dido o Kuwait (7-8-1990, reforçado em 25-8-1990), a indústria de armamento brasileiro, concebida para exportar, vai sofrer<sup>94</sup>.

Possivelmente, a indústria belga, que está em péssima situação, conseguirá um alívio temporário graças a uma grande ordem da Arábia Saudita, para armas portáteis da FN, devido à crise no Golfo Pérsico. Mas, no fim do mês de setembro de 1990, alguns dias antes deste congresso, a FN discutiu o seu futuro, e entre outros assuntos, se a parte da empresa que fabrica a prestigiada marca Browning poderá ser mantida. Como a FN apresentou um ambicioso plano de reestruturação, obteve um mês para concluir as negociações atuais<sup>95</sup>. As notícias de outubro parecem indicar um certo alívio. Em fins de novembro foi finalmente notificado que a estatal francesa Groupement Industriel d'Armements Terrestres (GIAT) tornou-se proprietária de 90% duma nova companhia, Fabrique Nationale Nouvelle Herstal. A GIAT adquiriu as unidades que fabricam armas portáteis e Browning, entre outras<sup>96</sup>. A sobrevivência desta indústria belga que alimentou o mundo inteiro com armas estava em jogo, com o desaparecimento de mercados importantes como o brasileiro e o aparecimento, em vez disto, de concorrentes, já que não produzia só para aquele mesmo mercado mas também para outros países e continentes. A FN tentou manter uma parte deste mercado, abrindo uma filial no Brasil em 1978, para produzir para o Brasil e outros países da América Latina, mas isto parece não ser mais suficiente<sup>97</sup>. Ademais, existe uma cooperação belgo-brasileira para a fabricação de certo tipo de carros blindados<sup>98</sup>. Parece que, por enquanto, o futuro da FN, reestruturada e de propriedade francesa, está assegurado.

---

94. *Pode-se ter uma boa visão da situação atual no mundo do armamento nos SIPRI Yearbooks, Stocholm International Peace Research Institute, Oxford University Press. Para o ano 1990, ver pp. 220-221; 1989, pp. 198-199, 1988, pp. 204-205; 1987, pp. 198-199; 1980, pp. ; 1979, pp. 66, 175; etc.; Sobre o início da indústria brasileira ver 1980, pp. 88-89. Também ver, 1982, p. 405. Para o Brasil como fornecedor do Iraque, ver, por exemplo, SIPRI Yearbook 1984, p. 198.*

95. "FN: les actionnaires reportent leur décision à fin octobre, L'Echo de la Bourse, Bruxelles, 29-9-1990/1-10-1990, pp. 1,4; "FN Herstal trading position worsens", Financial Times, London, 29-9-1990, p. 10.

96. *International Herald Tribune, 1-2/12/1990, p. 14.*

97. *Francotte, Gaier, FN Browning, p. 135.*

98. *SIPRI Yearbook 1982, p. 405.*

## GLOSSÁRIO DAS ARMAS DE FOGO:

[segundo Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1975]

Arcabuz: antiga arma de fogo portátil, espécie de bacamarte

Bacamarte: arma de cano curto e largo, reforçada na coronha

Carabina: espingarda estriada; fuzil

Clavina: carabina

Clavinote: pequena clavina

Espingarda: arma de fogo portátil de cano longo

Fuzil: arma portátil de repetição, de cano longo, cujo carregador se coloca e retira facilmente

Lazarina: arma de fuzil e de pequeno calibre, de fabricação belga, outrora utilizada pelos pretos africanos; espingarda de passarinhar, de cano fino longo; pica-pau

Mosquetão: fuzil pequeno usado pelos soldados de cavalaria e de artilharia

Pederneira: pedra muito dura, que produz faíscas, quando ferida com um fragmento de aço, sílex, pedernal, pedra-de-fogo

Pistola: arma de fogo portátil

Pistola automática: arma de fogo portátil, que realiza automaticamente as operações de ejeção e realimentação. Seu funcionamento automático baseia-se no aproveitamento da expansão dos gases formados com a combustão de carga de projeção dos projéteis. Em geral dispõe de culatra móvel e, eventualmente, de mecanismo que permite o fogo automático intermitente ou contínuo; seu depósito de projéteis é removível e tem o nome vulgar de pente.

Revólver: arma de fogo, de porte individual, de um só cano, com calibres variados, dotada de tambor ou cilindro giratório, com várias culatras, onde são colocados os cartuchos, e pode-se disparar tantos tiros quantas sejam as culatras desse tambor.

**TABELA DO COMÉRCIO EXTERIOR DA BÉLGICA COM O BRASIL\***

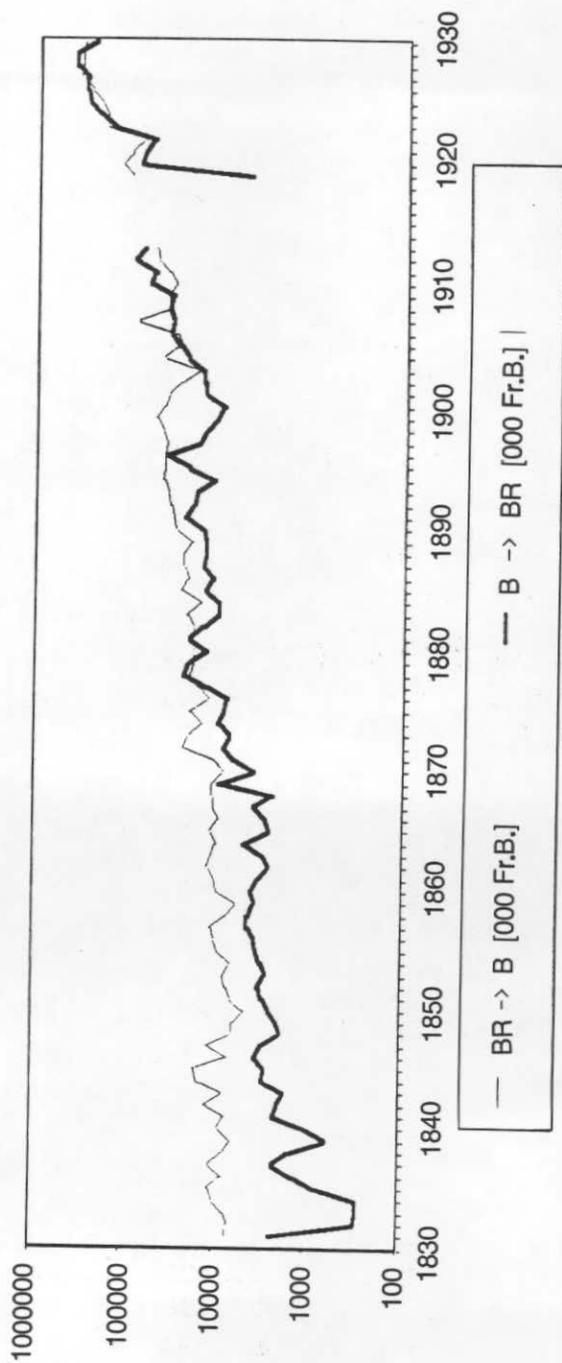
ANO	TOTAL			ARMAS		
	Importações do BR	Exportações para o BR	export. para o BR	Total export. do B.	G	trânsito via B
1831	7019	2298	8	449		1
1832	6843	295	193	2682		2
1833	7711	275	75	4065		
1834	9909	283	149	2161		18
1835	11413	752	283	3166	1	1
1836	7796	1344	649	4108	1	4
1837	11069	2240	720	3013	2	24
1838	7790	1452	247	2567	2	3
1839	6349	605	232	2150	1	7
1840	8878	1045	314	2065	1	35
1841	7483	2280	10	387	2	60
1842	12535	7	11	344	1	52
1843	8053	10	16	89	3	59
1844	15696	7	11	361	2	33
1845	16940	7	10	447	1	48
1846	7169	8	16	415	2	18
1847	11853	8	7	714	2	2
1848°	6446			342	3	
1849°	6256			272	4	29
1850	4786			350	3	6
1851	6739	8	8	615	2	181
1852	7717	8	7	471	4	38
1853	8182	8	12	502	3	8
1854	6748	10	9	577	4	4
1855	9688	10	10	458	4	38
1856	10711	10	12	389	4	58
1857	11785	8	11	601	3	0.3
1858	7803	9	10	973	1	13
1859	6029	11	11	532	3	1
1860	9813	9	14	231	7	13
1861	10677	10	12	489	3	8
1862	12772	8	15	138	6	
1863	11533	9	14	571	2	10
1864	10038	9	11	1943	1	
1865	11975	8	15	452	2	9
1866	9455	10	13	214	6	17
1867	11227	10	12	170	5	1
1868	11773	11	14	211	4	14
1869	11441	12	11	634	4	20
1870	8603	13	14	596	2	17
1871	11114	14	10	662	4	19
1872	24069	9	13	1026	4	24
1873	21096	11	13	1149	1	24
1874	14687	11	10	1471	2	20
1875	20508	10	12	1286	2	22
1876	12918	13	12	756	3	2
1877	17236	12	10	475	8	2
1878	20969	11	5	702	9	1
1879	18329	12	7	1062	6	18
1880	18996	11	10	592	8	17
1881	20099	11	9	683	10	17
1882	18570	13	9	681	7	25
1883	22265	12	13	762	4	29

1884	15288	14	10118	11	357	8	13125	27	249
1885	25946	11	14220	9	521	7	11332	31	1
1886	21346	12	11756	10	592	8	13127	28	139
1887	24544	11	15029	10	562	7	11538	32	11
1888	24534	12	13796	10	676	5	12257	30	18
1889	20092	12	14252	13	926	5	18098	25	25
1890	30503	11	15626	12	783	9	16537	26	45
1891	32143	11	23829	9	1050	9	23023	23	77
1892	35316	11	19040	10	610	10	13498	30	13
1893	37771		17995		662	8	13217		11
1894	43243		11447		688	6	12430		20
1895	41145		21859		1357	5	14397		373
1896	41521	11	37469	6	2793	3	15807		3
1897	38362	10	17005	11	384	11	15300		1
1898	43463	10	14323	14	735	8	16661	Imp. 1;	26
1899	52015	9	10990	20	463	9	17749		14
1900	40954	11	9337	21	266	11	17988		11
1901	36526	12	14932	14	158	22	17060		
1902	26859	16	15233	16	192	20	15293		28
1903	17355	19	15233	13	296	15	16287		1
1904	41839	13	22896	14	524	12	20557		3
1905	27937	17	28470+	14	706	9	22395		
1906	31728	16	36206+	10	889	8	23124		16
1907	80697	11	33729	12	943	7	25081		10
1908	35162	15	37304+	9	1166	5	26104		10
1909	39496	14	34472	13	750	9	24466		3
1910	32039	17	59460+	9	1352	7	25143		3
1911	37916	17	52909+	9	1296	6	24459		15
1912	49437	14	89549+	7	1398	8	26726		5
1913	54092	13	70073+	9	1608	6	24209	Imp. 12	5
1914 <sup>oo</sup>					495		10772		12
1919	98826	9	4803	19	534	3	6629		
1920	127154	16	79031	14	2858	5	34489		14
1921	96686	14	68723	14	1442	5	33604		
1922 <sup>oo</sup>	68342	14	55119+	12	85	-	17273		
1923	185790	11	153915	11	1136	-	35151		
1924	181155	15	220802+	10	6581	-	43843		
1925	213234		284441+		5775	10	63245		
1926	275117		310059+		4853		98169	Imp. 2	200
1927	354672		304611		4897		146513		170
1928	349777		392771		9596		147589	Imp. 2	
1929	351481		407954+		11224		173083		
1930	326100		242614		230		122688		81

\* valor em milhares de francos belgas  
 • grau de seqüência

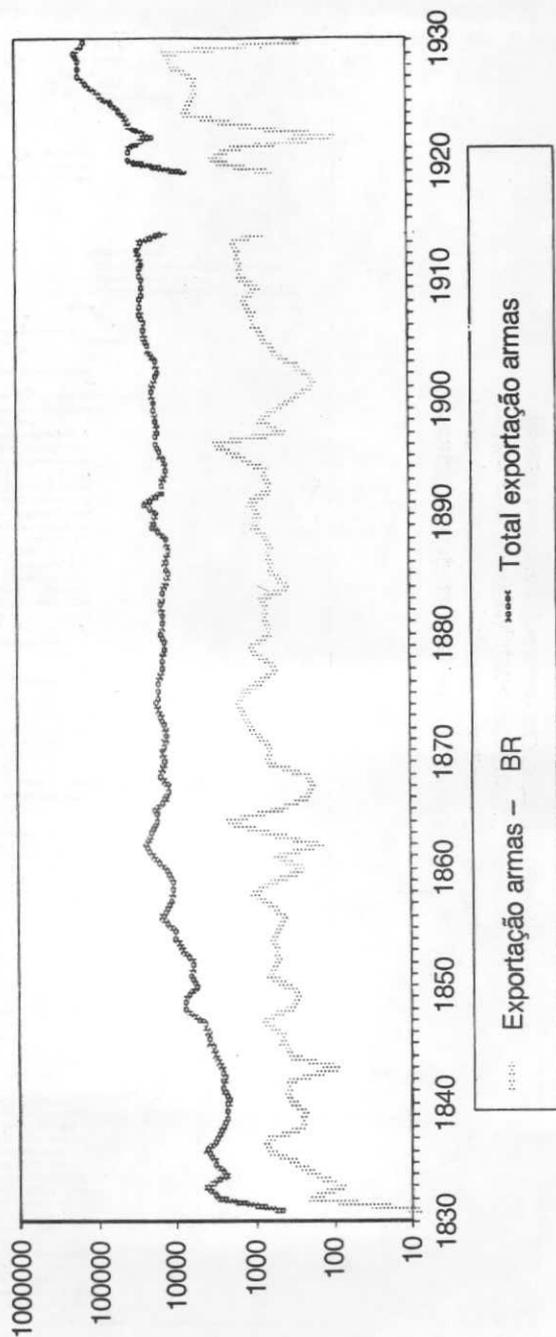
o Brasil + Colômbia, os valores para este último país são insignificantes  
 oo 1914, 6 meses; 1922 de maio a dezembro

**Bélgica – Brasil  
comércio exterior**  
[fonte: Instituto Nacional de Estatística (Bélgica)]





**Exportação de armas da Bélgica  
[000 Fr. B. 1]  
[fonte: Instituto Nacional de Estatística (Bélgica)]**



Balanco comercial entre Bélgica e Brasil  
"positivo": balanço positivo para a Bélgica  
"negativo": balanço positivo para o Brasil  
[em percentagem das exportações belgas]

